

A LITERATURA COMO POTÊNCIA PROBLEMATIZADORA DO LUGAR: IMAGENS PROJETADAS PELAS CRIANÇAS

Literature as a potential questioning strategy of place: images designed by children

Rosângela Veiga Julio Ferreira¹

Jeniffer de Souza Faria²

RESUMO

Neste texto discute-se o papel que a literatura e a representação ocupam na aprendizagem de conceitos do campo da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Nosso objetivo é o de problematizar sentidos atribuídos pelos estudantes do 2º ano no que refere a representações de pontos de referência, por meio do trabalho com o livro "A casa da Joanelha". Neste livro, a autora utiliza-se de diferentes pontos de referências para mostrar o caminho que leva à casa da Joanelha, possibilitando uma discussão sobre alfabetização cartográfica. Nesse ínterim, refletimos teoricamente sobre o que pode significar, desde os anos iniciais, educar para a compreensão da Geografia. As fontes analisadas foram os desenhos produzidos, articulados com as legendas explicativas e colocações orais. Com base nos dados analisados podemos afirmar que a literatura e o desenho possibilitaram a esses estudantes uma reflexão sobre um conhecimento geográfico, sem que a linguagem literária perdesse sua função social.

Palavras-chave: Literatura. Imagens. Geografia.

ABSTRACT

This paper discusses the literature and the role of representation of geographic concepts in the early years of elementary school. The article's aim is to discuss the meanings attributed by 2nd year students to representations of landmarks in the book "A casa da Joanelha" ("Little Ladybug's House"). The book shows the path to the little ladybug's house by using different landmarks, bringing on a discussion on cartographic literacy. In this context, the article theoretically reflects on geographic education in the first years of school. The analyzed sources were drawings with explanatory captions and oral statements. Based on these data, we can affirm that literature and images permit these students to mull over geographical knowledge, reinforcing the social function of the language of literature.

Keywords: Literature. Images. Geography.

¹ Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). rosangelaveiga.ferreira@uff.edu.br.

✉ Rua Renato Dias, 650, ap. 902, Bloco Daniela. 36010-370. Juiz de Fora, MG.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. jeniffersouza@ig.com.br.

IMAGENS PRIMEIRAS

Pode o trabalho com a linguagem literária ficcional educar para a compreensão do espaço? Pensar essa questão significa oportunizar a problematização de conceitos do campo da Geografia, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, objetivando constituir formas outras de compreensão do mundo.

O texto apresentado é fruto de uma pesquisa que busca potencializar o ensino de Geografia, a partir da importância dada ao fato de a criança estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir explicações sobre o que vê e sente, entrecruzando as experiências de vida com o universo literário. Dessa forma, optamos por analisar as interações discursivas, materializadas pelas imagens projetadas nos desenhos de crianças do 2º ano do ensino fundamental, produzidos durante o trabalho com o livro “A casa da Joanelha”, de Norma Freire e Claudio Zirotti (1998). Esses estudantes participaram do módulo “Educação Histórica e Geográfica pelas imagens literárias: múltiplas linguagens”, realizado no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, que teve por objetivo provocar espaços de reflexão entre os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre formas de conhecer o mundo pelos campos de ensino da Geografia e da História.

As fontes que alimentaram as análises dessas pesquisas foram consubstanciadas pelas colocações orais das crianças, em articulação com os registros do momento literário, por meio de desenhos e legendas explicativas.

Dentre as possibilidades de pontos de referência citados ao longo da trajetória narrada pela joanelha – “embaixo da árvore”, “em cima do morro verde”, “entre a cidade e o mar”, “o sol atrás da casa”, “a lua na frente”, “longe, um bosque”, “perto, um rio”, “uma pedra no meio do bosque”, “no fim do bosque, um rio”, “passa uma, duas árvores”, “a

última árvore é uma palmeira”, “em cima da folha”, “embaixo da verde árvore” –, o desenho e a respectiva legenda representam os sentidos que as crianças estabeleceram para compreender o lugar, a partir dos elementos que a história traz.

Em linhas gerais, podemos perceber que o elemento referência mais presente nos desenhos foi a “verde árvore”, ponto ápice da história, pois lá se encontra a folha onde a joanelha mora. Alguns deram ênfase a outros elementos, projetando parte dos pontos de referência presentes no caminho que o menino deveria seguir para chegar até a casa da amiga; outros focaram a chegada ou o encontro do menino com a joanelha. Mais um ponto que emergiu foi o diálogo com o cotidiano, projetado na representação da casa da joanelha, não como uma folha, mas, sim, como uma moradia tradicional com porta, telhado e janela, localizada em cima de uma árvore ou até mesmo de uma folha.

Munidos desse **corpus discursivo**, narramos, na perspectiva ricoeuriana, as trajetórias instituídas no percurso da pesquisa, atentos às configurações que se desenhavam nos e pelos espaços de experiências das crianças, possibilitando diálogos na dobra das imagens.

IMAGENS GEOTEÓRICAS

A joanelha encontrou um amiguinho e o ajudou a chegar até a sua casa para brincar.

Cláudio³

Apesar de a colocação de Cláudio efetivar uma relação direta com as imagens relatadas pela autora do livro de literatura, uma coisa

³ Cláudio é um dos sujeitos dessa pesquisa. Em tempo: informamos ao leitor que, para efeito de diálogo com as legendas explicativas, optamos por colocar o primeiro nome e marcar essas colocações em itálico no corpo do texto.

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças

Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria

salta aos olhos: a presença do objetivo pelo qual o menino precisaria se deslocar até a casa da joaninha, ou seja, para brincar. Pensar o lugar nessa condição, de objetividade e de subjetividade, aponta para uma discussão contemporânea, sobre como a escola pode lidar com conhecimentos de diversos campos do saber e, nesse caso em especial, com um que sustenta articulações do campo geográfico.

Vivemos submersos em um mundo de fenômenos efêmeros, de tempos líquidos (BAUMAN, 2007)⁴, e para compreender as características, as possibilidades, os obstáculos e as expectativas do lugar, não só daquele em que se vive, mas também daquele relacionado ao mundo como um todo, a escola constitui-se como espaço capaz de problematizar conceitos e estabelecer diálogos com o cotidiano, através de diversos artefatos. O desafio é o de ir além da apropriação de uma informação fragmentada, que logo se dispersa. O que se busca fundamentalmente é estabelecer relações lógico discursivas, a partir de um ensino que dialogue com experiências significativas relacionada a lugares, sendo a literatura uma das possibilidades de efetivar essas interações.

O tempo é compreendido, tanto no ensino de Geografia quanto no de História, como um importante elemento organizador da nossa vida cotidiana e uma marca diferencial/essencial entre as culturas. Não conseguimos pará-lo e fatos relevantes de nossa trajetória são rememorados todos os anos, quando se pensa no calendário. Assim como os marcadores de tempo são convenções derivadas de processos

⁴ Bauman desenvolve claras elucubrações em seu livro, *Tempos Líquidos*, a respeito de algo que foi, por ele definido como “modernidade-líquida”, onde “estão ocorrendo atualmente algumas mudanças de curso seminais e intimamente interconectadas, as quais criam um ambiente novo e de fato sem precedentes para as atividades da vida individual, levantando uma série de desafios inéditos.” (BAUMAN, 2007, p. 7).

históricos longuíssimos, as culturas variam as relações das convenções, por meio de suas experiências com o lugar.

O ensino de Geografia é concebido atualmente na mesma perspectiva teórica do ensino de História, por campos distintos, mas complementares. Trata-se, noutras palavras, da área de Ciências Humanas. De acordo com os PCN (BRASIL, 2000) é necessária uma divisão dos campos conceituais de estudo dessa ciência, para fins didáticos e de aprofundamento, mas coloca que essa divisão se torna algo superficial, à medida que o que se preconiza atualmente é que a Geografia explique e compreenda, de forma relacional, as ações da sociedade sobre a natureza e vice-versa. Nessa busca, torna-se necessário que essa disciplina dialogue com “diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição” (BRASIL, 2000, p. 109). Diálogo que pode ser percebido nas colocações de Adriana, publicada no livro “Sob o signo da memória”, que à época da produção, estava no 3º ano do Ensino Fundamental.

Resolvi, eu e minha mãe, entender melhor esse papo de diferenças de moradia na cidade. Peguei uma máquina e virei fotógrafa por um dia. Para minha pesquisa foram necessários carro, gasolina e olhos bem atentos atrás da câmara.

Fotografando a cidade eu percebi que existem casas de antigamente de pessoas ricas e pobres, umas bem conservadas e outras não. Descobri também que há casas modernas muito ricas e muito pobres, porque umas pessoas têm muito mais dinheiro do que outras. Daí a cidade vira um lugar cheio de diferenças. Entendi também que com o passar do tempo os tipos de moradia vão se transformando e a cidade vai misturando o passado e o presente (MIRANDA, 2007, 4ª capa).

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças
Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria

Pensar a força da imagem. É essa a discussão. Pensá-la, a partir do espaço geográfico que abarca elementos da paisagem e do lugar e pela lógica de compreensão da criança, em diálogo com seus pares e com adultos (escola e outras instâncias sociais). As reflexões sobre a paisagem permitem olhar para o espaço topológico, ou seja, as relações vividas e percebidas, e o espaço produzido economicamente. Nesse movimento, considera a compreensão subjetiva da paisagem como lugar que se modifica pelas ações dos sujeitos que nele vivem.

O documento oficial do Ministério da Educação (BRASIL, 2000, p.110) aponta para o fato de que, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, os conceitos geográficos de paisagem e lugar devem ser abordados, devido à possibilidade de entrecruzar relações cognitivas e afetivas. Noutras palavras, reflexões sobre o sentimento de pertencimento podem despertar na criança responsabilidades e compromisso histórico com o espaço em que vive. Nessa linha interpretativa de produções das crianças sobre o lugar, entendemos que essas projeções se constituem como potências geradoras de explicabilidade sobre sentidos que atribuem ao lugar, por meio de suas interações discursivas com o meio.

Oliveira Jr. (2009) defende a ideia de que as imagens projetadas por meio de desenhos, fotografias e filmes possibilitam a manifestação de diferentes linguagens, pois “não nos mostram a percepção que temos do mundo com nossos próprios olhos; ao contrário, trata-se de outro olhar, que reconstrói, a sua maneira, o real; e que nos proporciona uma outra experiência perceptiva” (OLIVEIRA JR., 2009, p. 20). Nesse movimento, acreditamos ser possível que a criança construa um pensamento sobre o que vê, uma vez que a imagem “nos faz mirar o mundo da maneira como ela o apresenta” (Idem, p. 19). Daí a necessidade de múltiplos ângulos de visão, em diálogo com as imagens postas pela sociedade, para compreendermos sentidos

atribuídos pelas crianças, ao problematizarem o percurso narrado pela joaninha na história que subsidia as análises ora apresentadas. Eis que nos diz Cláudio: “a joaninha encontrou um amiguinho e o ajudou a chegar até a sua casa para brincar”.

IMAGENS LITERÁRIAS

A literatura expressa a experiência. E a experiência é “o que nos acontece, nos toca, nos passa, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”.

Larrosa (2002)

As colocações de Zamboni e Fonseca (2010) desafiam nosso leitor a refletir sobre o potencial existente na linguagem literária ficcional, constitutiva do processo de formação da criança, uma vez que pode contribuir para a aprendizagem, principalmente no início do processo de escolarização. O que buscamos, aqui, é justamente narrar o diálogo que estabelecemos entre a Geografia e a literatura.

Procuramos vislumbrar um ensino de forma interdisciplinar, favorecendo associações com os demais conteúdos, conforme Aguiar (2010) aponta, ao refletir sobre o fato de que olhar para as diretrizes curriculares implica, primeiramente, considerar que “o mundo vivido pelas pessoas não é fragmentado; não abrimos, a cada momento, uma gaveta em nossa memória, para utilizar os conhecimentos da Geografia, da História, da Matemática ou da nossa língua materna” (AGUIAR, 2010, p.3) no cotidiano, de forma desarticulada.

Nessa perspectiva, buscamos atuar no ensino, na pesquisa, na formação de professores e na produção de textos acadêmicos, rompendo com os lugares de saber instituídos no século XIX e amplamente divulgados e territorializados no século XX, com vista a

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças
Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria

compreender como os sujeitos podem construir sentidos outros, para pensar o tempo histórico, num espaço de territorialidades, por meio da literatura.

A concepção de literatura que se desenha nos encontros desta pesquisa se fundamenta no percurso instituído pela poetisa e educadora Cecília Meireles, que se colocou no mundo, tanto por escrever para e sobre crianças, como por problematizar, de forma efetiva, sentidos para pensarmos na potência geradora de significados para o mundo, pela via da literatura. Nesse percurso argumentativo, defendeu que a Literatura Infantil precisa possibilitar a consolidação de sentidos para a criança *a posteriori*, ou seja, precisa se constituir num espaço de escuta dos sentidos por ela atribuídos (FERREIRA, 2007).

Nesse ínterim, vale ressaltar o que Zamboni e Fonseca (2010) apontam, ao dizer que “a obra literária não tem o compromisso de explicar o real, e nem de comprovar acontecimentos. Para interpretá-los, reconstruí-los, o autor recorre à imaginação, à criatividade e à ficção. Isso implica um afastamento do real” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 340). Diante disso, promover o ensino mediado pela literatura configura-se como uma potente possibilidade de articulação entre teoria e prática, pois atua como mediadora da/para aprendizagem humana; ou seja, é uma forma de dar sentido para as experiências vividas e/ou sentidas, é um caminho que “possibilita desenvolver a linguagem, fornece pistas, indícios para a compreensão da realidade, da nossa cultura, da nossa identidade” (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p. 342). Dessa forma, fomos, enquanto pesquisadores, mobilizados a entender os discursos das crianças, pensando em “possibilidades e potencialidades que não se encontram pré-determinadas e limitadas pelas fronteiras dos territórios disciplinares” (ZAMBONE; FONSECA, 2010, p. 340).

A escolha do livro de Freire e Zirotti, para explorar essa conexão, ocorreu frente à possibilidade de buscar sentidos para o lugar a partir do entrelaçamento das percepções vividas, com as percebidas e as concebidas pelas crianças do 2º ano. A forma como colocamos em diálogo nossas percepções sobre os sentidos atribuídos, consolidou-se por representações traçadas por desenhos, viabilizadas por legendas explicativas, constituídas na interação oral com as crianças. O tema da obra é o da localização, apresentado numa linguagem poética, na qual figuram referências espaciais e de direção, quando um menino encontra com uma Joaninha, conforme dito anteriormente. Em um jogo rítmico, ele segue as instruções embaixo, em cima, entre, no começo, no meio, no fim, à direita, à esquerda, atrás, à frente para chegar até a casa dela.

Nessa busca por significar a projeção das crianças, optamos pelo desenho por acreditarmos que se trata de uma expressão de conhecimento que permite refletir sobre sentidos em interação com o real. Além disso, por apoiar-se numa estrutura que permite traçar o espaço, possibilita que o pesquisador compreenda esses traços para além de uma representação canônica. Com base nessa perspectiva argumentativa, acreditamos que o desenho representa a expressão de linguagens múltiplas, que possibilitam estabelecer diálogos com dimensões particulares do autor, tais como o afeto, a maneira singular de observar objetos, a leitura de pontos de vista e outros aspectos que podem constituir-lo como sujeito autônomo, cujas imagens trazemos à superfície, a fim de sustentar a questão que ora defendemos: a literatura pode possibilitar um pensar geográfico sem perder a poesia e a leveza das palavras que a constitui?

IMAGENS PROJETADAS PELAS CRIANÇAS: O DESENHO COMO POTÊNCIA ARTICULADORA DE SENTIDOS



Figura 1 - Sentidos atribuídos pelas crianças
Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.

Trazemos à superfície dessa tessitura as colocações de algumas das crianças que mediarão o processo cognitivo de estabelecimento de relações entre literatura e Geografia. Hanna aponta para a dimensão de conhecimento geográfico quando explica seu desenho, dizendo que **“não tem dúvidas de que precisamos seguir um caminho para chegar à casa da Joaquina”**. Na mesma perspectiva de compreensão, Mateus apropria-se de uma das linguagens de localização utilizada

pela Norma Freire e diz, ao explicar o que desenhou, que **“as casas podem ser longe umas das outras”**. Mariana diz que aprendeu **“que a Joaquina ensinou o caminho para o menino chegar até a casa dela”**. Uma perspectiva complementar e que sustenta a questão que ora defendemos, na qual é possível pensar na literatura como forma de entender o pensamento geográfico sem perder o encanto literário, ocorre, quando Thayná afirma ter aprendido **“que podemos brincar com a Joaquina mesmo ela não falando de verdade”**. Em síntese, as dimensões de diálogo entre o real e o imaginário colocam-se como fontes problematizadoras dos sentidos atribuídos pelas crianças, ao representarem de forma imagética o que compreenderam, ou seja, demonstraram que houve aprendizagem.

Ao pensar no universo total dos desenhos produzidos pelos estudantes do 2º ano, pode-se identificar, por meio da análise das legendas, a compreensão de todos, em relação ao fato de que, para chegar a algum lugar, que, de início, não sabemos onde fica, existe um endereço, coordenadas, pontos de referência a serem seguidos, os quais precisam ser explicados com clareza, para que as pessoas possam se deslocar de forma precisa sobre a superfície terrestre e, assim, chegar ao seu destino. As crianças percebem a importância dos pontos de referência para auxiliar nesse processo de localização e utilizam-se tanto dos que foram efetivamente apresentados pela autora do livro de literatura, quanto dos que sustentaram as interações discursivas do encontro.

Caio Fábio começa seu desenho pelo morro verde, e desenha setas em sua volta indicando a direção correta a ser seguida, até chegar à casa da Joaquina e explica que **“para chegar na casa de um amigo, ele tem que passar as coordenadas”**.

Num diálogo efetivo com o cotidiano, Gabriella realiza uma inferência quando percebe que, para se chegar a um destino, é possível solicitar

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças

Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria



[...] para você chegar na casa de um amigo, Ele tem que te passar as coordenadas. Caio
 "eu aprendi que é preciso dar as coordenadas para ir a algum lugar." Leandro

Figura 2 - A direção representada no desenho
 Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.

informações a outras pessoas que conhecem o lugar onde queremos chegar e desenha, de forma expressiva, o exato momento em que o menino se depara com uma palmeira, após passar uma árvore, e olhar para cima, à procura da casa da amiga joaninha. Ciente da realidade que a atravessa, seu desenho retrata parte das coordenadas da autora de forma clara e precisa.

As colocações, portanto, apontam para uma dimensão autônoma do conhecimento relacionado ao conceito de lugar, até mesmo se apropriando das linguagens de localização utilizadas na aula, quando explicam sobre o que aprenderam, ao ouvir a história. É o que se vê, conforme as colocações de Manuela, que compreendeu a importância de explicar como chegar a nossa casa, quando queremos que alguém nos visite: "a joaninha deu o endereço para o menino conhecer a sua casa". Tem-se, ainda, Gabriel, quando diz que se "a pessoa dá o endereço, conseguimos chegar até a casa dela".

Diferentemente das legendas que apontaram parecidos espaços de experiências, os desenhos apontam para diferentes horizontes

de expectativas, quando, por exemplo, Victor desenha na grande árvore, em seu topo, uma pequena casinha, e salienta que a "joaninha precisa coordenar o amigo para chegar até a sua casa". Na mesma perspectiva, João Victor, Claudio e Davi projetaram a casa da joaninha, em diálogo com suas vivências, quando, no lugar de uma simples folha verde, interpretam a moradia da joaninha como uma casa com porta, telhado e janelas, em cima de uma árvore. Este aspecto ficcional aponta para o entrelaçamento entre o real e o lúdico. Yasmim, por sua vez, que também desenha uma casa, mas em solo firme, desconsidera os elementos de referências apresentados no texto e se permite trazer

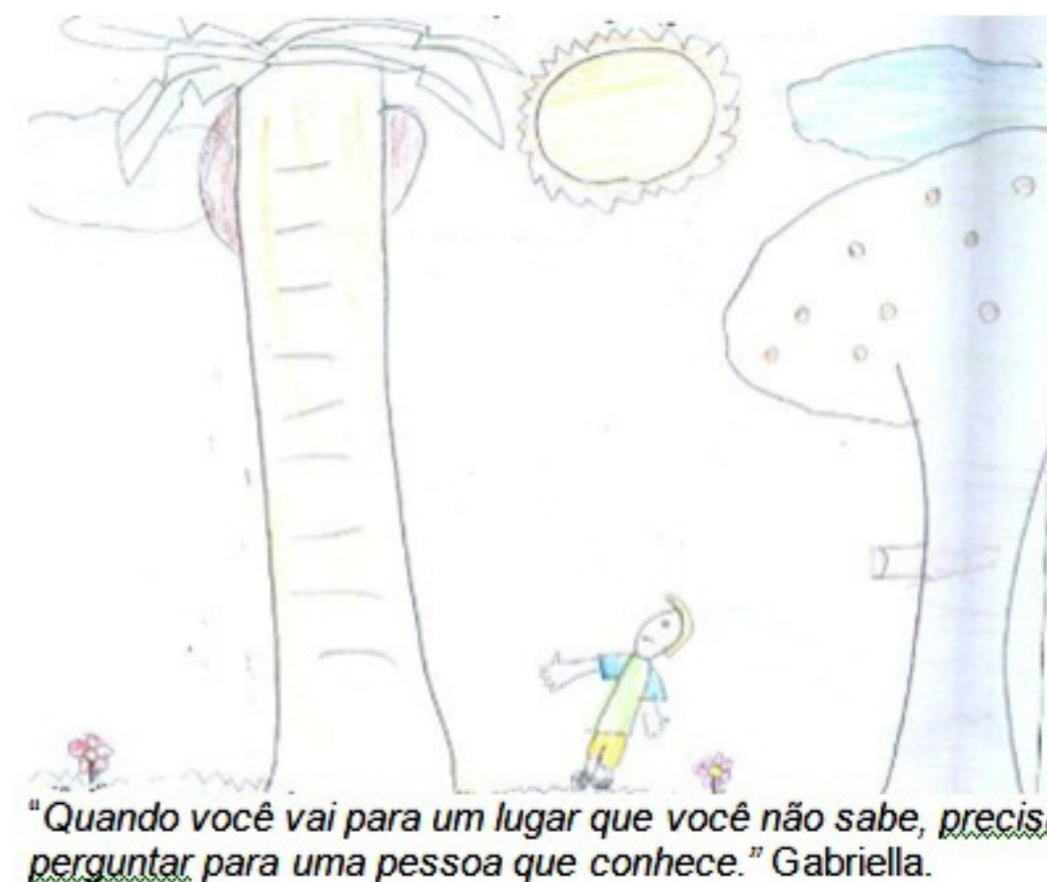


Figura 3 - Representação autônoma
 Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças

Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria



Figura 4 - A casa da joaninha
Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.

a joaninha para o mundo real, dando-lhe uma casa menor, próxima a do seu amigo menino, que passa a ser seu vizinho em uma casa maior, reforçando que **"antes de ir brincar na casa dos amigos, pegue o endereço primeiro!"**.

Dentre outras possibilidades de localização da casa, e de possíveis elementos presentes na narrativa, inferidos pela concepção de bosque, lugar que abrange imensa variedade de plantas e animais, a imagem de uma flor foi projetada por Manuela, Isabela, Gabriel e Bia, preocupados em representar a beleza do lugar que o menino tivera

que percorrer, até chegar à casa da joaninha, ora localizada em uma árvore, ora nas folhas dessa flor.

Outro elemento representado, além da palmeira onde a casa da joaninha se localiza, aparece nos desenhos de Joane, Isadora e Bernardo, quando registraram o rio. No entanto, Isadora faz uma conexão com o imaginário e aproveita para inserir, naquele contexto, um monstro marinho, e Joane um peixinho neste ambiente aquático. Ambas fazem



"eu aprendi que quando a pessoa dá o endereço da casa dela a gente descobre onde ela mora." Isabela

Figura 5 - Outros elementos
Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças
Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria



Figura 6 - O imaginário
Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças.



Figura 7 - Representação da casa da joaninha
Fonte: Imagem retirada dos cadernos das crianças

inferências de que ali, também, há vida, vivem outros animais, de acordo com suas expectativas.

Lavinia, Pâmela e João Pedro representam a casa da joaninha por uma folha e, diante dos pontos de referência, João Pedro compreendeu que é preciso **"ser esperto para conhecer o caminho"**.

De acordo com Hassler (2009), essas colocações nos permitem afirmar que, por meio da literatura e do desenho, a criança constroi conceitos e

ao construir os conceitos de espaço e de tempo, verificando a sua história de vida, vinculada com a história do lugar, o aluno começa a formular perguntas sobre como as paisagens foram criadas, que pessoas vivem ou viveram ali, como ocupam ou ocuparam aquele lugar, que atividades realizam ou realizaram. Enfim, como ocorreu este processo que lhes é visível. Através disso o aluno começa a formular seus próprios conhecimentos, relacionando os seus saberes com o conhecimento fornecido pela escola. (HASSLER, 2009, p. 158).

E, assim, oscilando entre explicações que consolidam experiências vivenciadas com outras do plano do imaginário, percebemos que as crianças representaram o espaço ocupado pela Joaninha – na folha verde que fica na árvore longe do lago e perto do rio, ora apontando pontos de referência citados na obra literária, ora criando outros, a partir de suas referências de mundo. Noutras palavras, a dimensão do vivido emana com força e nos permite refletir sobre o fato de que a criança delimita sentidos, a partir de seus próprios interesses.

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças
Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria

Paralelo a essa possibilidade de representação, percebemos que há crianças que extrapolam a ideia de imagem projetada por Norma Freire e representam, no desenho, uma percepção fundada na observação de aspectos físicos do lugar, descrevendo objetos que nem sempre pertencem ao seu cotidiano. Percebemos que, nesse caso, a dimensão da experiência ocupa um lugar secundário e que a imaginação ganha potência.

IMAGENS ANDANTES

Constatamos, através das análises das representações feitas pelos alunos do 2º ano sobre o caminho percorrido pela joaninha, que é possível tanto pela literatura quanto pelo desenho atribuir sentidos para conhecimentos geográficos.

Percebemos, pela análise das imagens projetadas nos desenhos, que não há uma regra para ler o espaço e nem técnicas capazes de cercar o olhar, podendo, portanto, a literatura auxiliar no processo de experimentação do lugar. Ao problematizar o que a criança pode encontrar, ao olhar a sua volta, observando as paisagens como momentos instantâneos, nos quais narrativas podem ser desenhadas, a aprendizagem se coloca de forma significativa. A linguagem ficcional, concebida como própria do processo de formação da criança pode contribuir para a aprendizagem de conceitos do campo da Geografia, provocando-nos a refletir, no sentido de buscar conexões para a consolidação de âncoras desse campo de ensino.

Em confluência com o que nos aponta Oliveira Jr (2009), conforme destacado na introdução deste texto, percebemos claramente a potência da linguagem do desenho nas representações do lugar. A visão dos estudantes não só emergiu nas representações gráficas como foram objetos de problematização da compreensão do que significa um ponto de referência para a alfabetização cartográfica.

Como vemos, os pensamentos expostos nos convidam a colocá-los em diálogo com as práticas docentes, adotando posturas abertas para guiar tais práticas, à medida que as ideias expostas são, por si mesmas, ancoradas na observação das práticas e relações sociais. Estão, desta forma, atuando dinamicamente na percepção dos processos culturais, e, portanto, impulsionam a trabalhar na perspectiva da amplitude dos sentidos que as crianças atribuem a um conhecimento quando são instigadas a representá-los, ou seja, a de alguma forma “falar” sobre o que pensam, sem reducionismos, utilizando, para isto, de pontos de confluência entre diferentes disciplinas. Assim, vislumbrar a instituição escola e seus sujeitos inseridos numa dada realidade leva-nos à possibilidade de refletir sobre o fato de que é preciso fazer os saberes circularem, de dentro para fora da escola e vice-versa. (PEREIRA; PONCIANO, 2011).

A reflexão que aqui se apresenta é a de que é possível pensar uma prática pedagógica para o ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que se debruce sobre o lugar em suas múltiplas dimensões, circundados pelo espaço geográfico, dialogando com as imagens projetadas nas diferentes instâncias sociais. Essa análise nos permitiu perceber ainda que a finalidade do gênero literário não se perdeu, ou seja, houve um diálogo entre fantasia e realidade.

Acredita-se que educar para a compreensão de conceitos geográficos, pode significar olhar para as diferenças, para os percursos, para as permanências e as transformações, para as singularidades de um acontecimento, rompendo, dessa forma, com mitos consagrados numa historiografia dominante de relação com aprendizagens do campo geográfico: pensar pelos **entre-lugares**, educar pelas imagens, construir um pensamento sobre o que é ver, buscar entender meandros dos acontecimentos, levantar suposições, realizar inferências,

A literatura como potência problematizadora do lugar: imagens projetadas pelas crianças
Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria

estabelecer diálogos com o mundo sob múltiplos olhares, e, ainda, noutras palavras, entender um lugar por suas imagens. ☉

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Valéria T. B. de. **Proposta Curricular Geografia**. Juiz de Fora: PMJF/SE - Documento Preliminar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 120p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, Rosângela V. J. **No veio da esperança a essência etérea da criança diversa na escola**: o jogo inquieto do discurso jornalístico de Cecília Meireles (1930-1933). 252f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FREIRE, Norma; ZIROTTI, Claudio. **A casa da Joaquina**. São Paulo: Berleandis e Vertecchia, 1998. 24p.

HASSLER, Márcio L. Contribuição geográfica para o estudo do lugar. **Mercator**, n. 16, mai/ago 2009, p. 157-165.

MIRANDA, Sônia R. **Sob o signo da memória**: cultura escolar, saberes docentes e história ensinada. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: EDUJF, 2007. 221p.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: _____. Dossiê a Educação pelas imagens e suas geografias. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009, p. 17-28.

PEREIRA, Valéria C. R.; PONCIANO, Nilton. **Partilhar o saber**: formar o leitor: conversas entre a escrita, a história, narrativas e leituras na perspectiva da cultura. Dourados: Editora da UFGD, 2011. 198p.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva G. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 30, n. 82, set./dez. 2010, p. 339-353.

Submetido em Março de 2012.

Revisado em Junho de 2012.

Aceito em Agosto de 2012.